
APOIO INSTITUCIONAL E EVASÃO NO ENSINO SUPERIOR SEGUNDO ESTUDANTES DE UMA UNIVERSIDADE FEDERAL.

*Alisson Vinicius Silva Ferreira, Psicólogo na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA, Foz do Iguaçu-PR, Brasil. Mestrando em Psicologia UFSC, Florianópolis, SC-Brasil.

Contato: alisson.psferreira@gmail.com

Palavras-chave: Educação. Dificuldades acadêmicas. Evasão.

INTRODUÇÃO

A educação pode ser conceituada como o conjunto de processos formativos do ser humano nos quais o sujeito, decorrente sua disposição ontológica, se torna cidadão. Para tal, se faz necessário o desenvolvimento de sujeitos reflexivos e ativos sobre o mundo que, ao se tornarem cidadãos autênticos, possam experienciar os direitos e deveres compartilhados de forma igualitária por uma sociedade. Desta forma, a educação como força motriz da cidadania tem no acesso e permanência ao ensino superior por parte das camadas sociais historicamente vulneráveis, o desafio de concretização de um espaço inclusivo, plural e de formação de criticidade (Ferreira, Brandão, Fernandes, e Penteado, 2014; Marinho-Araújo e Almeida, 2005; Freire, 1997; Freire, 1996).

O tema da evasão no ensino superior público, tem sido objeto de reflexão de diversos atores sociais, dentre eles pedagogos, psicólogos, professores, gestores e governantes. Com a democratização do acesso ao ensino superior na última década, em que houve um aumento de 105,8% no número de matrículas entre 2006 e 2016, e onde a rede federal foi a que mais cresceu entre as IES públicas, vieram os desafios inerentes à ampliação e democratização do ensino superior. A rede pública em 2014 participava com 24,7% (1.990.078), sendo que 86,7% das matrículas da rede federal estavam em universidades (Fonaprace, 2014).

Um dos programas governamentais que vieram com o objetivo de ofertar apoio a estudantes de camadas sociais vulneráveis que adentraram no ensino superior público federal foi o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES, que foi implantado em 12 de

dezembro de 2008, durante o governo Lula. Este programa teve como objetivo desenvolver mecanismos institucionais que objetivassem ofertar apoio para a permanência e formação de estudantes de baixa condição socioeconômica (Vasconcelos, 2010). Deste modo, a permanência acadêmica relacionada aos programas e ações de institucionais pode ser entendida como a necessidade de inserção qualitativa dos estudantes no ambiente universitário, bem como o seu acesso aos dispositivos infraestruturais e pedagógicos disponíveis na instituição acadêmica (Oliveira, Rita, & Sales, 2015).

Sendo assim, e diante dos desafios da permanência no ensino superior, a presente pesquisa se propôs a investigar quais os motivadores da evasão para estudantes que desistiram de seus cursos em uma universidade federal brasileira no ano de 2016.

MÉTODO

Cinquenta e sete estudantes de graduação responderam um questionário logo após suas evasões. O instrumento tinha como objetivo investigar as motivações para a evasão e o acesso desses estudantes aos dispositivos institucionais de apoio a permanência. O questionário foi composto por três eixos de investigação: 1- Perfil do evadido, 2- Fatores de risco para evasão; 3- Fatores de proteção para a permanência, além de uma questão aberta para críticas, sugestões ou elogios. Sendo então as seguintes questões:

Eixo 01: Nome, idade, curso, naturalidade, nacionalidade. Eixo 02: Já cursou outra graduação, se já até qual período; o atual curso configurava como primeira opção; você tinha as informações necessárias sobre o curso escolhido; principais dificuldades na Universidade; motivação para trancar/desistir do curso; números de disciplinas cursadas; qual seu planejamento acadêmico/profissional após trancar ou desistir deste curso de graduação. Eixo 03: recebeu alguma forma de apoio/serviço durante sua permanência no curso, participou de algum programa ou serviço; enumerar de 0 a 3 a importância da Pró-Reitoria de assuntos estudantis para sua permanência na Universidade até o momento. Já as questões discursivas foram: Quais as principais dificuldades que encontrou em seu percurso acadêmico? Qual seu planejamento acadêmico/profissional após trancar ou desistir deste curso de graduação? E por fim, por favor

deixe sua sugestão, crítica ou elogio. Os resultados foram analisados a partir de estatística frequencial simples e análise de conteúdo (Bardin, 1997).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 57 participantes, 05 eram estrangeiros, sendo 02 argentinos, 02 colombianos e 01 paraguaio. Portanto, 52 colaboradores eram brasileiros, sendo 23 do estado do Paraná. Dos estudantes de outros estados, estes eram oriundos dos estados do Rio de Janeiro, Brasília, Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Rio Grande do Sul e Pernambuco. O perfil dos participantes demonstra principalmente a dinâmica de uma população universitária diversa, o qual se acentuou historicamente no país após a implantação do ingresso à universidade pelo Enem (Exame nacional do ensino médio) e o Sisu (Sistema de Seleção Unificado). Ao que se refere aos estudantes que tiveram que se mudar para cursar o ensino superior, conjectura-se que para além dos estressores inerentes ao ensino superior, estes enfrentam uma série de estressores adaptativos devido à migração, tais como a distância da rede de apoio, a diferença cultural, as dificuldades iniciais de locomoção na nova cidade, demandas de aluguel, moradia e, conseqüentemente, de custos financeiros para permanecer na cidade/universidade (Girardi e Martins-Borges, 2015).

A respeito da escolha do curso para 53,1% dos colaboradores este não era a primeira opção. Porém, 84,2% dos participantes consideravam ter informações suficientes sobre o curso no momento da escolha. Outro dado relevante foi que mais da metade dos participantes não chegou a concluir nenhuma disciplina e não procurou nenhum setor de apoio institucional ou da própria comunidade acadêmica antes de tomar a decisão de desistir do curso. O exposto evidencia que a imensa maioria dos evadidos que responderam o questionário tomou a decisão de desistir sem acessar nenhuma forma de apoio/suporte da instituição.

As motivações expressas para a desistência do curso foram: vulnerabilidade financeira 19,71%, conflitos entre horário de aula e trabalho 16,9%, insatisfação com a infraestrutura da universidade 9,85%, insatisfação com o curso 9,85%, dificuldade na relação ensino-aprendizagem 7,04%, distância de casa 7,04%, dificuldade de locomoção até a universidade 5,63%, problemas de saúde 4,22%, dificuldade de acesso às informações 2,81%, motivações

particulares 2,81%, mudança para outra cidade 2,81%, dificuldade na relação com professores 2,81% e perda da re-matrícula 1,4%.

O planejamento destes estudantes após a evasão foi: *Mudar de curso* 22,8%, *Arrumar um emprego*, 21,5%, *voltar para casa e estudar em outra instituição* 21,04% e *fazer uma pós-graduação* 14,03%. Já em relação às sugestões e críticas, estas se concentraram respectivamente na melhora do *programa de auxílios estudantis* 29,04% (aumento dos recursos, fiscalização dos estudantes que não respeitavam os critérios, acolhimento institucional e criação do restaurante universitário); melhora na *gestão universitária* 27,08% (excesso de burocracia, uso político das funções, qualidade na comunicação institucional e melhora da infraestrutura); necessidade de programas de *formação de professores* 8,33% e de *cursos noturnos para estudantes trabalhadores* 8,33%. A respeito dos dois últimos itens mais citados: formação de professores e implantação de cursos noturnos podemos refletir que estes dois pontos fazem parte da gestão universitária como um todo.

Tais resultados se assemelham com os dados da pesquisa do Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Estudantis (Fonaprace, 2014), em que se constatou que os estudantes vulneráveis socioeconomicamente aumentaram em 50% após a política de cotas, que 35,39% eram estudantes trabalhadores. Os principais fatores para o trancamento do curso na pesquisa Fonaprace, 2014 foram: motivo de trabalho, problemas de saúde, insatisfação com o curso, impedimento financeiro e dificuldades de ensino-aprendizagem. Porém, diante dos dados da presente pesquisa, podemos refletir para além das dificuldades subjetivas dos estudantes, ou seja, esta permite-nos transpor a lógica individualizante e ir de encontro a indagação do quanto as próprias deficiências da gestão universitária reverberam na vida estudantil e favorecem a evasão (Ferreira, et al, 2014; Patto, 1996).

CONCLUSÃO

Apesar das limitações do presente estudo diante da complexidade e multiplicidade de fatores existentes na evasão no ensino superior, este possibilitou refletir sobre a relevância de dispositivos institucionais de apoio acadêmico, principalmente aos estudantes do primeiro ano, bem como aos estudantes trabalhadores. Também evidenciou a importância da ampliação da política de assistência estudantil sob uma perspectiva interdisciplinar e intersetorial, visto que

fatores econômicos, de organização institucional/infraestrutura, pedagógicos e subjetivos emergiram como as principais motivações da evasão estudantil. A pesquisa também demonstrou a importância de que as instituições de ensino superior desenvolvam estudos sobre o próprio contexto e políticas de combate à evasão.

REFERÊNCIAS:

- Bardin, L. (2009) *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (2014). *Pesquisa do perfil socioeconômico dos estudantes de graduação das IFES*. Brasília. Recuperado em 20/06/2017 em: <http://www.fonaprace.andifes.org.br/index.php/pesquisas/>
- Ferreira, A. V. S., Brandão, M. de F., Fernandes, C. S., & Penteado, A. (2014). Reflexões acerca das representações sociais de professores de uma escola pública em relação ao fracasso escolar. *Revista Educação E Cultura Contemporânea*, 11(24), 111–135. <https://doi.org/10.1073/pnas.0703993104>
- Freire, P. (1997) Educação bancária e educação libertadora. In: P. PATTO, M. H. S. (Org.). *Introdução á psicologia escolar*. 3.ed. rev. atual. São Paulo: Casa do psicólogo.
- Freire, P. (1996) *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Oliveira, G. E. De, Rita, M., & Sales, N. (2015). Artigo A permanência escolar e suas relações com a política de assistência estudantil. *Revista Eletrônica de Educação*, 9(1985), 198–215. Retrieved from <http://dx.doi.org/10.14244/198271991299>
- Vasconcelos, N. B. (2010). Programa nacional de assistência estudantil: uma análise da evolução da assistência estudantil ao longo da história da educação superior no Brasil. *Ensino Em-Revista*, 17(2), 599–616. Retrieved from <https://rccs.revues.org/1174?lang=es>
- Girardi, J, F; Martins-Borges, L (2015) Impactos psicológicos da imigração voluntária: A experiência de universitários imigrantes. Dissertação de Mestrado. Repositório da UFSC. Recuperado em 25/06/2017 de: <http://nempsic.paginas.ufsc.br/teses-e-dissertacoes/>
- Marinho-Araújo, C. M.; Almeida, S. F. C. (2005) *Psicologia Escolar: construção e consolidação da identidade profissional*. Campinas, SP: Alínea.
- Patto, M. H. S. (1996) *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: T. A. Queiroz.



06 a 08
de junho de 2018

Teatro Calil Haddad / Campus UEM
Maringá - PR

PSICOLOGIA, POLÍTICAS PÚBLICAS
E DESAFIOS EM TEMPOS SOMBRIOS

ISSN 1679-558X
